
Uma história da criação do curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará

A history of the creation of the medicine course at the Universidade Estadual do Ceará

Mayara Alves Loiola Pacheco
Antônio Germano Magalhães Júnior
Francisca Genifer Andrade de Sousa
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Fortaleza-Brasil

Resumo

Esse escrito tem como objetivo narrar a história de criação do curso de Medicina da Universidade Estadual do Ceará para além do que mostram os documentos oficiais publicados pela universidade, ouvindo aqueles que fizeram parte desse momento histórico. A proposição para a realização desse estudo foi desenvolver uma pesquisa de abordagem qualitativa, no paradigma interpretativo, como método de pesquisa realizamos o estudo de caso ancorado nos pressupostos da História Cultural (BURKE, 2017) e na fase de campo utilizamos como instrumento a entrevista. A pesquisa sobre a história do curso visou ampliar o conhecimento sobre a educação no Ceará, especialmente no campo da medicina, através de narrativas e diálogos que complementam os registros oficiais. O processo de criação do curso envolveu superar desafios políticos e financeiros.

Palavras-chave: Curso de Medicina; História da Educação; Universidade Estadual do Ceará; Ensino superior.

Abstract

This writing aims to narrate the history of the creation of the Medicine course at the Universidade Estadual do Ceará, beyond what the official documents published by the university show, listening to those who were part of this historic moment. The proposition for carrying out this study was to develop research with a qualitative approach, in the interpretative paradigm, as a research method we carried out a case study anchored in the assumptions of Cultural History (BURKE, 2017) and in the field phase we used the interview as an instrument. Research into the history of the course aimed to expand knowledge about education in Ceará, especially in the field of medicine, through narratives and dialogues that complement official records. The process of creating the course involved overcoming political and financial challenges.

Keywords: Medicine course; History of Education; Universidade Estadual do Ceará; University Education.

1. Introdução

Esse estudo situa-se na área de Formação de Professores e integra a linha de Formação e Políticas Educacionais do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Esse artigo é derivado de uma pesquisa acadêmica de doutorado, que se encontra em curso, que objetiva compreender a constituição da formação, saberes docentes e práticas de ensino dos professores do curso de Medicina da Universidade Estadual do Ceará.

O escrito ancora-se nos pressupostos da História Cultural, revolução historiográfica que alargou a compreensão de fonte histórica tornando passível de estudo todo e qualquer vestígio do homem no tempo (Burke, 2017), abrindo espaço para o registro histórico do homem e das suas relações e atuações ao longo do tempo. Assim, a história das instituições emerge como insumo fundamental para a compreensão histórica, haja vista que a História educativa não se alimenta apenas de decretos e outros documentos oficiais, mas de signos e significados atribuídos por homens e mulheres cujas vidas se imbricam com as instituições formativas (Faria Filho *et al.*, 2004).

Nessa perspectiva, essa investigação tem por objetivo narrar a história de criação do curso de Medicina da Universidade Estadual do Ceará para além do que mostram os documentos oficiais publicados pela universidade, ouvindo aqueles que fizeram parte desse momento histórico. Considerando que o curso de Medicina em tela possui, hoje, mais de 20 anos, e que seria inviável abarcar toda a sua história em apenas um escrito, aqui, o foco é o recorte temporal compreendido entre 2002 e 2012, o qual foi delimitado por ser a primeira década de implementação das atividades do curso na universidade.

A relevância consiste em incrementar os conhecimentos do campo da História da Educação do Ceará, especialmente do curso de Medicina da UECE, a partir de insumos não abarcados pelos documentos oficialmente publicados, ao propiciar diálogo entre a história micro e macrosocial (Loriga, 2011); e a originalidade confirma-se pelo fato de não existir, até o presente momento, nenhum registro acadêmico com esse escopo, o que se confirmou ao buscar por “História do curso de Medicina” *and* “UECE” em três bases de dados – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), e nenhum estudo foi localizado.

A história da Universidade Estadual do Ceará (UECE) está marcada pela publicação da Lei nº 9.753, de 18 de outubro de 1973, que autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Educacional do Estado do Ceará – FUNEDUCE, cuja primeira Presidente foi a Profª. Antonieta Cals de Oliveira, irmã do ex-Governador do Ceará, Cesar Cals de Oliveira Filho. Antonieta Cals é, ainda hoje, a única mulher cearense a ocupar a presidência do Conselho de Educação do Ceará (UECE, 2024).

Com a Resolução Nº 02, de 05 de março de 1975, do Conselho Diretor da FUNEDUCE, sancionada pelo decreto Nº 11.233, de 10 de março de 1975, foi criada a UECE, que teve incorporadas ao seu patrimônio as seguintes unidades: Escola de Administração do Ceará, Faculdade de Veterinária do Ceará, Escola de Serviço Social de Fortaleza, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Escola de Enfermagem São Vicente de Paula e Televisão Educativa do Ceará (Canal 5). Criada com o objetivo de atender às necessidades do desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Ceará, passou a atuar em outros municípios do Estado, estruturando-se, a partir daí, em rede multicampi. Atualmente, é uma Instituição de Ensino Superior constituída em forma de Fundação, com personalidade Jurídica de Direito Privado (UECE, 2024).

Em 1997, o Reitor da UECE, Dr. Manassés Claudino Fonteles, após autorização do governo estadual, constituiu o primeiro grupo de trabalho para avaliar as condições institucionais, necessidades, demanda social e definir princípios e diretrizes para a criação do Curso de Medicina da UECE. A comissão, presidida pelo próprio reitor, tinha como membros: Manassés Claudino Fonteles, Antero Coelho Neto, Antônio Carlyle Holanda Lavor e José Henrique Leal Cardoso. Entre 1997 e 2000, a comissão realizou cinco seminários sobre o perfil do curso, para os quais foram convidados coordenadores de vários cursos de Medicina da região Nordeste.

Por meio da Portaria nº 1571, de 26 de setembro de 2000, o reitor Dr. Manassés criou uma comissão técnica para proceder aos trabalhos de elaboração do projeto do Curso de Medicina da UECE: Marcelo Gurgel Carlos da Silva, Viliberto Cavalcante Porto, José Jackson Coelho Sampaio, Krishnamurti de Moraes Carvalho, Alcides Silva de Miranda, Luis Luciano Menezes de Arruda e Valberto Barbosa Porto, todos médicos, professores da UECE e membros da equipe de 37 professores médicos que já atuavam na instituição (UECE, 2021).

O curso foi aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – Resolução N° 2433 – CEPE, de 12 de agosto de 2002 e pelo Conselho Universitário – Resolução N° 377 - CONSU, de 23 de setembro de 2002.

O curso de Medicina pertence ao Centro de Ciências da Saúde e foi escolhido para ser o lócus dessa pesquisa por ser destaque em promover e manter a saúde individual e coletiva da população brasileira, e em particular a cearense, por meio de formação médica, científica, ética e humanista, integrada criticamente às políticas públicas de saúde. São seis anos de curso que tem como foco o ensino em saúde, visando uma formação humanística. Após a conclusão do curso o estudante sai diplomado como Médico Geral Comunitário e da Família (UECE, 2021).

No tópico seguinte apresentamos o percurso metodológico que guiou essa investigação.

2. Metodologia

A proposição para a realização desse estudo foi desenvolver uma pesquisa de abordagem qualitativa, no paradigma interpretativo. Desse modo, na abordagem qualitativa, é necessário o pesquisador observar os sujeitos e realizar esforço para compreender as diversas opiniões, destacando a característica para fazer uso da abordagem qualitativa na formação docente na leitura de Bogdan e Biklen (1994, p. 287) “o objectivo não é o juízo de valor; mas, antes, o de compreender o mundo dos sujeitos e determinar como e com que critérios eles o julgam”.

Pelos objetivos propostos para essa investigação, escolhemos como método de pesquisa o estudo de caso, que, de acordo com Yin (2001, p. 32), é uma investigação, “empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Para justificarmos a escolha da abordagem metodológica para essa investigação, recorreremos ao processo de trabalho científico em pesquisa qualitativa organizado por Minayo, Deslandes e Cruz Neto (2011), dividida em três etapas: (1) fase exploratória; (2) trabalho de campo; (3) análise e tratamento do material empírico e documental.

Consiste em levar para a prática a elaboração teórica da fase exploratória. Nesta etapa, utilizaremos como instrumento a entrevista (aberta e semiestruturada), pois promove a comunicação e a interlocução com os sujeitos pesquisados (Minayo; Deslandes;

Cruz Neto, 2011). Para tanto, serão convidados a participar desta etapa da pesquisa, 2 (dois) professores que participaram do grupo de trabalho de criação do curso de Medicina da UECE.

As entrevistas serão analisadas segundo uma postura cartográfica que, conforme Silva Neta, Magalhães Jr e Machado (2019, p. 6), “é como apresentar um diário ainda com páginas em branco”, se permitindo vivenciar as descobertas da pesquisa. Como pesquisadores, sabemos qual objetivo desejamos atingir, mas não iniciamos “com uma precisão de métodos e estratégias que limitem a descoberta do novo e uma tomada e retomada de caminhos” (Silva Neta; Magalhães JR; Machado, 2019, p. 6). Adotar a postura cartográfica é vivenciar além daquilo que foi planejado, é perceber as sutilezas que a atenção aos detalhes pode trazer, é se permitir o impremeditado.

Tedesco, Sade e Caliman (2013) fazem a analogia de que assim como um guia de cegos que lidera o caminho construído conjuntamente com o indivíduo cego durante sua jornada, as sugestões na entrevista convidam o entrevistado a se envolver na experiência que está acontecendo naquele momento, sem a imposição de qualquer conhecimento prévio ou julgamento.

As entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas na íntegra, assegurado o anonimato dos sujeitos. Nas entrevistas com os professores, pretendemos proporcionar um processo de (re)constituição das experiências vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa.

As duas entrevistas foram realizadas entre julho e setembro de 2023, com duração média de 1 hora cada, por vídeo chamada via *Google Meet*. Os colaboradores são professores da UECE e integraram o grupo de trabalho de criação do curso de Medicina, atuando ainda hoje como professores do referido curso.

Utilizaremos como documento norteador na dimensão ética da pesquisa, o documento "Ética e Pesquisa em Educação: Subsídios", publicado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) em 2019, que representa uma contribuição fundamental para a promoção de padrões éticos elevados na pesquisa educacional. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa, com número do parecer: 6.270.536, com a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, dirigido aos sujeitos participantes da pesquisa para a autorização da utilização de suas informações por meio de gravação em áudio.

3. A história antes de 2002: Luta, conquista e superação.

Buscando conhecer a história da criação da MedUECE-Fortaleza além do que mostram os documentos oficiaisⁱ publicados pela universidade, conversar com pessoas que vivenciaram esse momento se fez necessário e esclarecedor, fomos “acolhidos e abraçados” por quem guardou na lembrança detalhes dos dias de luta por uma UECE forte e soberana. Isso porque a narrativa histórica de testemunhas oculares, segundo Burke (2017), vai além dos documentos, por trazerem em seus discursos minúcias que somente o vivido permite esclarecer.

Buscamos contato com um professor que integrou o grupo de trabalho pela criação do curso de Medicina da UECE e que atualmente ainda faz parte do corpo docente do curso. O primeiro contato foi feito por telefone, apresentamos a pesquisa e solicitamos a entrevista, fomos prontamente atendidos, onde ficou melhor para ambas as partes que ela ocorresse via *Google Meet*. A conversa com o Professor Antônioⁱⁱ nos levou a querer conhecer e escutar também o Professor Franciscoⁱⁱⁱ, outro docente que também integrou o mesmo grupo que articulou a criação do curso de medicina. E é com auxílio das palavras desses dois professores que faremos nosso relato:

Até, mais ou menos 1996, a UECE não tinha pensado, alguém poderia já ter pensado, mas, formalmente, assim com esforço institucional, não havia se pensado na criação de um curso de Medicina [...] Quem analisa o cenário e começa a botar para frente a criação e negocia com o governo do Estado [...] em torno do curso de Medicina é o reitor Manassés Claudino Fonteles^{iv}, ele era médico (Professor Antônio).

Andrade e Silva (2013) relatam no livro “Medicina na UECE, a década que levou ao máximo”^v, que entre os anos de 1997 e 2022, houve um intenso trabalho desenvolvido pela comissão que estabeleceu os princípios e diretrizes para implantação de um projeto pedagógico do curso que não renunciasse aos sonhos, mas que fosse condizente com a realidade. Tal informação explicita que a criação do curso de Medicina não foi uma ordem ou decisão governamental, mas fruto de luta travada pelos próprios docentes da UECE, que demonstraram interesse e buscaram os meios pelos quais se tornassem viáveis a implantação do curso em tela na universidade pública estadual cearense.

Conquanto, existia apenas um curso de Medicina, o qual era vinculado à Universidade Federal do Ceará (UFC), criado em 12 de maio de 1948. Portanto, o curso de

Medicina da UECE se tratava de um esforço ímpar e de grande relevância para a sociedade cearense, tendo em vista que o Ceará dispunha de apenas um curso voltado para a formação de médicos àquele período.

Outro ponto que gostaríamos de registrar, relatado pelo professor Francisco, é que a comissão de criação do curso de medicina era nomeada como “comissão para criação de cursos na área da saúde”, o intuito era não revelar que o processo era destinado à criação do Curso de Medicina, os professores tinham consciência do grau de oposição que enfrentariam por parte do Estado, em face do alto investimento exigido para a sua concretização. Então, paralelamente a equipe trabalhou em dois projetos de curso: um Curso de Biomedicina e o Curso de Medicina, mas o de medicina era desenvolvido ocultamente. Ele relata:

A gente só falava, só se manifestava sobre o Curso de Biomedicina, que seria o primeiro curso no Ceará e o primeiro situado entre Belém do Pará e Recife. Não tinha nenhum outro curso de biomedicina. Nós chegamos a montar o projeto completo para criação do curso de biomedicina. Mas paralelamente nós trabalhávamos no Curso de Medicina. [...] Nós fizemos um projeto de biomedicina que era tornado público e o de medicina, que ele ficou oculto, submerso, ele não aparecia. Com isso, a gente ganhou tempo para enfrentar a resistência que ele se depararia quando fosse divulgado que a UECE iria ter um Curso de Medicina (Professor Francisco).

Percebemos na fala do sujeito, um sentimento de luta do grupo em busca de seus objetivos, deixando no oculto seus planos em prol do curso, para evitar possíveis objeções e resistências a concretização do propósito almejado. Bosi (1983, p. 37), o processo de recordar é construtivo e depende da situação do presente, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. O registro da fala do professor Francisco permite compreender o modo como ele vê o contexto social, não necessariamente como existiu, mas como ele reconstituiu essa experiência com os sentimentos que ele atribui hoje ao que vivera anos atrás, pois ainda que o tempo influencia nos modos de rememorar, há que se considerar que os sentidos sobre o acontecido tendem a ser influenciados pelos significados que os sujeitos atribuem a certos feitos mesmo após anos (Bueno, 2018).

Uma história da criação do curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará

Segundo o relato do Professor Antônio, a UECE já tinha um tradicional curso de Medicina Veterinária, um curso de Enfermagem, que foi o primeiro do Norte/Nordeste/Centro-Oeste do Brasil. O Professor Francisco narra que esse último curso foi criado em 1943, na época da Segunda Guerra Mundial, era a Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, que foi uma das primeiras escolas modelo Ana Nery do Brasil. Foi instalada neste local com as religiosas Irmãs de Caridade, com o trabalho ingente da Irmã Breves e com o apoio da Arquidiocese de Fortaleza e de médicos liderados por Jurandir Picanço que depois viria a ser o responsável, ou melhor, um dos maiores responsáveis, pela instalação do Curso de Medicina da UFC. A universidade tinha também o único curso de Nutrição do Estado do Ceará. Para as chamadas disciplinas básicas dos dois primeiros anos, já havia uma infraestrutura dentro da universidade, por causa do curso de Medicina Veterinária, Enfermagem, Nutrição e dos novos cursos criados, Educação Física e Biologia. E dentro dessa estrutura a UECE já contava com 37 professores formados em Medicina, atuando em diversos cursos.

O professor Manassés Fonteles, reitor da UECE no período, identificou uma oportunidade histórica para criação de um curso de Medicina na referida universidade quando surge a criação do segundo curso de Medicina do Ceará em uma instituição privada, em Juazeiro do Norte, sendo o primeiro e único público do estado, o curso de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Nesse momento o Conselho Estadual de Saúde, pressiona o poder público por não oferecer formação médica de acordo com a demanda da população cearense, sendo necessário criação de cursos privados.

O Professor Antônio esclarece que na época o que havia era toda uma demanda do Conselho Estadual de Saúde pela implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), “olha como as coisas convergem, a criação da Escola de Saúde Pública, implantação do SUS, a necessidade de mais um curso de Medicina que fosse público, então vai, politicamente, se criando um facilitador (para a criação do curso de Medicina da UECE)”. (Professor Antônio)

A incumbência do poder público pela garantia da saúde de toda a população brasileira, na Constituição Federal de 1988, foi o pontapé para a criação do SUS, em 1990, a partir da Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990 (Koifman, 2005), e a expansão do referido Sistema no Estado do Ceará foi crucial para o justificar a necessidade de criar um curso de Medicina na UECE. Dessa feita, o então reitor, professor Manassés, levou a proposta para o governador Tasso Jereissati, que aprovou e aceitou dar início ao processo.

O reitor então criou uma comissão para iniciar os trabalhos em prol do novo curso, da qual faziam parte nomes relevantes como o do doutor Carlile Holanda de Lavor, que foi secretário de saúde do estado duas vezes, que implantou o SUS no Ceará e que criou as Agentes Comunitárias de Saúde. Nas palavras do Professor Antônio “Um vanguardista do movimento sanitaria”. A UECE recebeu visitas de diretores de cursos de Medicina de estaduais do Piauí e da Paraíba para compreender como os cursos dessas estaduais estavam organizados.

Então esses diretores de cursos de Medicina vieram para Fortaleza para um seminário com a gente, com esta equipe inicial que o professor Manassés formou. E criou esta comissão. Esta comissão tinha, por tarefa, elaborar as grandes diretrizes do curso de Medicina [...] ele vai ser um curso para formar especialistas ou para formar generalistas? Ele vai ser um curso técnico ou com uma pegada política pedagógica muito grande na ajuda da formação dos trabalhadores do SUS? [...] Ele começou a ser desenhado em seus grandes princípios. Nesse ínterim, o governador mudou de ideia: ‘Não, não dá pra fazer um curso de Medicina’ [...] Quando o Tasso muda de ideia, Manassés pede a mim para fazer um levantamento do porquê o curso de medicina era muito caro. A grande questão do governo era porque o curso de Medicina era muito caro (Professor Antônio).

A narrativa do professor Antônio transparece a falta de compromisso do Governo Estadual do Ceará, tanto para com o desenvolvimento da educação superior, quanto para com a população cearense, que necessitava de mais médicos formados na região para atuarem no SUS, fatores que não necessitariam ser justificados pelos docentes da UECE para conquistar a implementação do curso, pois era uma realidade vivida e sentida pelo povo cearense à época e cabia aos seus governantes ações com vistas a atenuá-las. Assim, coube à classe docente da UECE lutar. Inclusive, uma característica que percebemos no decorrer dos dois relatos do professor Antônio, é a admiração e sentimento de gratidão ao ex-reitor da UECE, professor Manassés, que foi a “mente pioneira” que traçou os caminhos em busca da criação do curso de Medicina. O professor Manassés precisou pensar e nortear as ações do grupo para solucionar os possíveis problemas, pelos registros dos nossos entrevistados isso se deu de maneira cooperativa e coordenada.

O curso de medicina era visto como caro para os cofres públicos porque era visto nos moldes do curso de medicina da UFC, um curso de modelo tradicional, que já chegou a

precisar de mais de 200 professores. Porém, a primeira grande inovação da UECE, foi não precisar de um hospital universitário próprio.

A gente contrataria, por meio de convênios, todos os hospitais do Estado e, aquele professor que não tinha história acadêmica, não fazia mestrado, que não fazia doutorado, que era uma pessoa com uma inteligência na mão, um grande clínico, um grande cirurgião, seria o próprio médico do hospital que se credenciasse conosco a ser professor de práticas médicas [...] Esse professor de práticas médicas, que é um colega de extraordinária competência prática, que está fazendo as atividades, se atualizando nas técnicas mais novas em serviço, esse professor passou a ganhar uma gratificação^{vi} pelo estado, de trabalho relevante (Professor Antônio).

Dessa maneira, como forma de atenuar os gastos que o Estado frisou para barrar a primeira tentativa de criação do curso, a saída foi renunciar a professores com formação em nível de mestrado e de doutorado, e apostar em médicos que possuíam conhecimento nas áreas médicas, que em troca receberiam uma gratificação. À luz de Veiga (2012) tal prática descaracterizaria a figura do docente como profissional que exerce a práxis (ação-reflexão-ação), e o torna mero difusor de um praticismo. Todavia, se tratava de um grande avanço, e por isso, o professor Antônio, ao tecer o relato anterior, apresentava um tom de voz vibrante e motivado, ele relembrou esse trecho da história com animação, fazendo transparecer a alegria pela resolução vanguardista e que facilitaria as iniciativas de criação do curso. Com essa iniciativa a UECE economizaria com a criação de um hospital universitário próprio e com a contratação de um número elevado de professores.

Quando me perguntar: você não tem hospital universitário? eu digo: tenho, tenho 8 (risos). E, na carona da história do hospital universitário, eu não tinha um professor que não tivesse vida acadêmica, que não fizesse mestrado, que não fizesse doutorado, que não pesquisasse, que não tivesse projeto de extensão, que não orientasse TCC de alunos, né? Para ficar apenas acompanhando aluno nas atividades práticas externas. Este professor que vai acompanhar o aluno na atividade prática é um servidor do estado, da secretaria de saúde, atuando no hospital do meu convênio (Professor Antônio).

Novamente, o citado professor destaca o perfil do professor do curso de Medicina em implantação, que se tratava de um profissional que recebia os alunos no seu lócus de trabalho e assim os instruíam com base no saber prático, não portando títulos, nem desenvolvendo pesquisa ou extensão na universidade. Cabe salientar que, hoje, esse

profissional não mais se enquadraria como professor, mas como preceptor de estágio, mas, à época, considerando o investimento exíguo do Estado, foi o que restou aos proponentes do curso de Medicina. A trajetória de estudos, articulação e luta pelo curso de Medicina perdurou de meados de 1996 a 2002. “Vai e volta e vai e volta... ele (governador) mudou de opinião umas três vezes, porque alguém ia cochichar pra ele que aquilo ali era inviável, que não tinha sentido fazer um curso de medicina público, que era muito caro”. (Professor Antônio).

O tempo foi passando e com ele o término do Governo de Tasso Jereissati (1995-2002). Tasso se afasta para concorrer ao senado e seu vice, Beni Veras, assume, ficando no cargo de abril de 2002 a janeiro 2003. O Professor Antônio relata que nesse momento o professor Manassés começa a ficar mais preocupado e decide então levar a proposta do curso ao Conselho Universitário da UECE, que aprova de imediato.

Dessa maneira, se o governador mudasse de ideia novamente a UECE já estaria internamente com tudo pronto. O tempo continuou passando, um novo governador foi eleito (Lúcio Alcântara, 2003-2007) e o governo de Beni Veras iria se encerrar. Então, o professor Manassés leva o processo para o Conselho Estadual de Saúde, que era presidido pelo Secretário Estadual de Saúde, Anastácio Queiroz. Segue relato

Eu me lembro, eu fui uma das pessoas que foi assistir a reunião do conselho. Foi Manassés e eu que fomos assistir a reunião do conselho. Lá na reunião do conselho cada um dos trinta e dois conselheiros se levantou [...] disse que ia votar a favor e queria declarar voto [...] Cada um se levantou pra dizer que era aprovado o curso de medicina por causa disso, por causa daquilo, por causa daquilo outro, da relevância para a sustentação do próprio SUS, da importância da Universidade Estadual do Ceará, uma grande universidade como essa precisava ter um curso de medicina [...] E assim foram todos os argumentos que trinta e duas pessoas falaram e eu lá absolutamente emocionado [...] o presidente do conselho era o secretário estadual de saúde. Portanto, o governador não podia reclamar que o governo não tinha sido consultado (Professor Antônio).

E nós nos consagramos no final do ano, quando o Conselho Estadual de Saúde aprovou, de forma unânime, e todos os conselheiros pediram para registro de voto, com direito a fala. Esse foi um momento assim glorioso para gente essa aprovação (Professor Antônio).

É preciso ressaltar a emoção do professor Antônio ao lembrar o momento vivido nessa reunião, o ato de todos os presentes declararem voto a favor da aprovação do curso

Uma história da criação do curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará

de Medicina, foi um instante célebre depois de tantos anos de trabalho árduo em busca desse objetivo. A emoção no olhar e a vibração na voz ao narrar o fato é dado digno de registro nesse escrito, pois o ato de registrar historicamente instituições educativas é diretamente ligado aos seus atores e às suas emoções (Faria Filho *et al.*, 2004).

Após anos de luta pela aprovação do curso de Medicina da Universidade Estadual do Ceará, trabalho e empenho de diversos indivíduos em prol da universidade pública e de um atendimento em saúde público de qualidade para todos os cearenses, os dias difíceis ainda não eram findados, o novo Governador Lúcio Alcântara assume seu mandado com muitos preconceitos e resistências ao novo curso.

O tempo esquentou bastante. E aí nossa defesa era a qualidade do projeto, era a originalidade dele, era o fato dele não está repetindo modelos antigos. Era a originalidade também do objetivo de servir a formação de médicos para o SUS [...] Da capacidade de um estudante formado ali, depois por meio das residências ir fazer suas especializações, mas ele sairia como médico generalista, um médico geral comunitário de família (Professor Antônio).

O governador aceitou a contragosto o início das atividades do novo curso, no entanto, decidiu que o estado não arcaria com as despesas durante seu mandado, não contrataria professores e nem fazia investimentos que beneficiassem o curso.

Em discurso, realizado no lançamento do livro “Curso de Medicina da UECE: Concepção, Criação e Implantação (2002 – 2008)”, do médico e professor do curso Marcelo Gurgel, o Reitor Assis Araripe destacou que foi uma luta sem precedentes a implantação do curso de medicina, ressaltando que até na hora do vestibular receberam ameaças para não publicar o edital. Endossando as palavras de Assis Araripe, o ex-Reitor Manasses Fonteles disse que de todos os níveis da política receberam oposição à criação do curso e acrescentou: “A adversidade não enfraquece e sim fortalece. Quero me associar ao júbilo da UECE nesse momento com essa vitória” (UECE, 2009, p 1).

Apesar da MedUECE-Fortaleza ter seu início em meio a tantos conflitos e resistência por parte do Governo do Estado, o curso venceu suas batalhas e se tornou realidade, o qual teve sua aula magna no dia 25 de março de 2003, ministrada pelo professor Dr. Adib Jatene, ex-ministro da Saúde, emérito da Faculdade de Medicina de São Paulo. Concluo essa seção com esse trecho que diz:

Inicia-se, pois, um legado coordenado por professores, das mais distintas profissões, que acreditaram no sonho da jovem universidade que, agora, ganhava a responsabilidade de dar tom e nota ao sonho de 40 jovens que já se viam, após seis anos, como os primeiros médicos formados pela Universidade Estadual do Ceará. Nascia, assim, a realização de um sonho coletivo, de uma contribuição social, de um projeto ao futuro do Ceará! (Andrade e Silva, 2013, p. 21).

Em 2019, a MedUECE-Fortaleza passou a realizar dois vestibulares anuais, aumentando o número de vagas ofertadas a população. Em sua fala, o Governador Camilo Santana, diz em reunião com representantes das universidades estaduais que, “A UECE dobrará este ano o número de vagas para o nosso curso de Medicina, que é considerado um dos melhores das universidades públicas do país. Com a inclusão de nova turma no vestibular de 2019.2, serão 80 vagas de Medicina oferecidas por ano” (UECE, 2019, p. 1).

Destarte, nota-se que o curso de Medicina surge aquém de investimento público, mas com o compromisso de melhorar qualitativamente a saúde dos cearenses, tendo em vista que ele traz em seu bojo uma estreita relação com o SUS, assunto tratado no tópico adiante.

4. Um curso de Medicina alinhado às novas demandas do Sistema Único de Saúde

O curso de Medicina da UECE incorpora tendências vanguardistas e metodologias ativas, alinhado com as políticas públicas de saúde, além de estratégias para estruturação do curso que pouco custa aos recursos públicos. Era vanguardista porque estava organizado segundo uma nova perspectiva, pioneira no Estado do Ceará, por primar a formação de médicos através da prática, e por conseguinte, adotava métodos ativos no ínterim da formação, metodologias as quais foram pensadas e disseminadas tendo como foco a escolarização básica, com o movimento dos pioneiros da Escola Nova, em 1932 (SAVIANI, 2011), mas que agora era também pensado para a formação de médicos.

Segundo Andrade e Silva (2013) a MedUECE artesanalmente forma seus médicos, ressaltando a importância da integração universitária, do exercício da cidadania e da formação de líderes e gestores preparados para inovar nas políticas públicas em saúde, tendo uma matriz curricular voltada também para disciplinas das áreas sociais e humanas. Como afirmam Andrade e Silva (2013, p. 91) “A capacitação técnica é importante, como também são importantes às disciplinas de ética, relação médico-paciente, psicologia, saúde coletiva”.

Uma história da criação do curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará

A MedUECE tem uma preocupação especial em promover a formação em disciplinas da Saúde Coletiva, alcançando as práticas da Medicina da Família e da Comunidade, Estratégia de Saúde da Família, eixo norteador do Sistema Único de Saúde. Segundo o Professor Francisco “Nós tínhamos que aproveitar essa fortaleza da UECE que era a disponibilidade de docentes da área da Saúde Coletiva que estava abrigada no Departamento de Saúde Pública”. Percebemos por essa fala que, a formação acadêmica dos professores disponíveis para ingressar no colegiado do curso de Medicina, foi fator determinante na estruturação curricular do curso.

Durante os seis anos de curso os discentes se dedicam ao estudo de várias áreas de competência que são necessárias à formação do médico contemporâneo, articulando conhecimento científico e formação ética e compromisso com a sociedade. Os alunos são convidados a construir uma perspectiva abrangente e integral do ser humano, inserido em seu contexto social (Andrade e Silva, 2013).

A Constituição Federal de 1988, no art. 196 define Saúde como “Direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (Brasil, 1988, p. 1). Direito social, próprio à condição de cidadania, que deve ser assegurado sem distinção de raça, de religião, ideologia política ou condição socioeconômica, a saúde é apresentada como um valor coletivo, um bem de todos. A partir dessa definição destacamos o valor que a formação médica da UECE dedica aos conhecimentos e práticas na área da saúde coletiva, articulada com a Medicina Social e a Medicina da Família e Comunidade.

Conforme Andrade e Silva (2013, p. 118) no período de Internato em Medicina de Família e Comunidade, “os alunos realizam, durante vários meses, atividades prático-pedagógicas junto aos médicos das Equipes do PSF (Programa de Saúde da Família), tanto em postos de saúde de Fortaleza quanto do interior do Estado”.

O professor Francisco esclarece que, ao chegar no internato os alunos do curso de Medicina da UECE tem prioridade no preenchimento das vagas nos hospitais do estado, tanto para escolha dos hospitais como dos serviços.

O estado mantém os principais hospitais de referência do Ceará. Alguns dos melhores serviços de médicos do Ceará estão no HGF, no Hospital de Messejana, no Hospital São José. Nós dispúnhamos desse manancial por onde

os alunos poderiam estagiar e cumprir um excelente Internato. (Professor Francisco).

Portanto, a ampla formação dos alunos da Medicina da UECE, não apenas garantia a formação de qualidade dos futuros médicos, como também colaborava qualitativamente com a saúde pública do Estado. Assim, ainda que o Estado não custeasse financeiramente com o curso, foi crucial para priorizar os alunos da Medicina da UECE como estagiários e residentes, movimento a partir do qual os dois agentes ganhavam: Estado e universidade.

Continuando nossa conversa, enveredando agora pela distribuição da carga horária dos docentes do curso e suas implicações na organização dele, o professor Francisco explica a opção por docentes sem dedicação exclusiva e que trabalhem na universidade apenas 20h semanais. Segundo o professor Francisco, as pessoas com atividades na universidade em regime de 40 horas em profissões voltadas para o mercado, com boa remuneração, é um “desperdício”. Ele cita exemplos como: Engenharia, Arquitetura, Odontologia e a própria Medicina. Segundo ele, essas pessoas podem ter 20 horas na docência e as outras horas disponíveis para exercer a profissão no mercado de trabalho para o qual tem formação. Prossegue dizendo que o professor que exerce sua função em hospitais e consultórios, beneficia o curso com sua experiência. Segue sua reflexão:

Qual é a experiência do professor da arquitetura ou da engenharia, que vive 40 horas na instituição universitária? Ele desconhece muita coisa do mercado, das inovações, que estão chegando no mercado, na forma prática, profissional, porque ele está ao largo dessas vivências técnicas, estando ele mais incrustado em suas obrigações didáticas (Professor Francisco).

Quando exercem a docência no ensino superior juntamente a outras atividades como profissionais autônomos, geralmente se identificam em seus consultórios, escritórios etc. como professor universitário, o que indica valorização social do título de professor. No entanto, o título de professor sozinho, sugere uma identidade menor (Pimenta; Anastasiou, 2002).

Segundo Pimenta e Anastasiou (2002), embora alguns professores possuam experiência significativa em outras em suas áreas de estudo, predomina o despreparo e até um desconhecimento científico do que seja o processo de ensino e aprendizagem pelo qual passam a ser responsáveis a partir do instante em que ingressam na sala de aula. Estes

recebem ementas prontas, planejam individualmente e solitariamente, e é nessa condição que devem se responsabilizar pela docência exercida.

Há que se considerar, ainda, que ser professor universitário implica atuar no ensino, na pesquisa e na extensão, não havendo nenhuma área mais importante que outra, pois elas estão intimamente interligadas e corroboram a formação discente de maneira transdisciplinar (Luckesi *et al.*, 2012). Possivelmente, o pensamento do professor Antônio anteriormente explanado, deve-se ao fato de a sua formação e a maior parte da sua atuação docente ter se processado em um contexto no qual a experiência profissional era mais valorizada do que a vivência acadêmica, não sendo interessante para a carreira do médico atuar integralmente na docência. Esses, por sua vez, se constituíam em médicos que atuavam como professores, e não em professores que também eram médicos, se sobressaindo o praticismo nas práticas docentes desses profissionais (Veiga, 2012). Inclusive, justamente por entender-se que a profissão docente não é um complemento na carreira profissional, a Dedicção Exclusiva é, atualmente, uma pauta de luta para os docentes do Ensino Superior.

5. Considerações Finais

O curso de Medicina da UECE, situado no Centro de Ciências da Saúde, destaca-se por sua abordagem humanista e seu foco na formação de médicos comunitários e de família. A pesquisa sobre a história do curso visou ampliar o conhecimento sobre a educação no Ceará, especialmente no campo da medicina, através de narrativas e diálogos que complementam os registros oficiais.

A investigação se baseou na História Cultural, que amplia a compreensão histórica ao considerar todos os vestígios humanos no tempo, e visou narrar à história do curso de Medicina além dos documentos oficiais, incorporando as experiências daqueles envolvidos.

O processo de criação da MedUECE-Fortaleza envolveu superar desafios políticos e financeiros, indo além dos trâmites burocráticos. Conversas com pessoas envolvidas na luta pela sua criação revelaram detalhes desse momento. O curso foi concebido após negociações lideradas pelo reitor Manassés Claudino Fonteles e enfrentou resistência do governo. Estratégias como manter em segredo a intenção de criar o curso de Medicina foram adotadas. A falta de apoio financeiro exigiu alternativas criativas, como contratar médicos dos hospitais estaduais como professores. Após intensa mobilização, o curso foi

aprovado pelos órgãos internos da UECE e pelo Conselho Estadual de Saúde, apesar da resistência do novo governador. Inaugurado em 2003, o curso cresceu e se consolidou, contribuindo para a formação de médicos voltados para o sistema de saúde público.

O escrito aborda questionamentos sobre a prática e a filosofia do curso de Medicina da Universidade Estadual do Ceará, destacando sua ênfase na formação prática em hospitais públicos e na atenção primária, bem como a integração de disciplinas de saúde coletiva ao longo do curso. Concluímos a partir das narrativas que o curso tem uma abordagem descrita como vanguardista, enfatizando métodos ativos de ensino e a integração com as políticas públicas de saúde. A importância da formação em saúde coletiva é ressaltada, com disciplinas específicas ao longo dos semestres.

Referências

ANDRADE, João Brainer Clares de; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. **Medicina na UECE: a década que levou ao máximo (2003-2012)**. Fortaleza: Editora da UECE, 2013.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em Educação: subsídios**. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/etica_e_pesquisa_em_educacao_-_isbn_final.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

BOGDAN, Robert Charles; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 fev. 2024.

BUENO, Fabio Castro. La historia y la memoria: usos, términos y legitimación. In: BUENO, Fabio Castro; CARDENAS A., Uriel A. (orgs.). **Historia oral y memorias um aporte al estado de la discusión**. Colombia: Editorial Universidad del Rosario, 2018, p.13-69.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, Jan./Abr. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000100008>

KOIFMAN, Lilian. **Saúde e democracia**: história e perspectivas do SUS. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LUCKESI, Cipriano; et al. **Fazer universidade**: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2011.

SILVA NETA, Maria de Lourdes da; MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano; MACHADO, Sarah Bezerra Luna Varela. Postura cartográfica nos percursos de pesquisa. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 386-406, Jan./Mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416x.19.060.a004>

TEDESCO, Silva Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 299-322, Maio 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. **Decreto nº 11.233, de 10 de março de 1975**. Homóloga da Criação da Universidade Estadual do Ceará, aprova o respectivo estatuto e dá outras providências. Fortaleza: UECE, 1975.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Histórico**. Disponível em: <https://www.uece.br/institucional/historico/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Projeto pedagógico do curso de medicina**. Fortaleza: UECE, 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Resolução nº 2433, de 12 de agosto de 2002**. Aprova o projeto de criação do curso de medicina. Fortaleza: UECE, 2002.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Resolução nº 377-CONSU, de 23 de setembro de 2002**. Cria o curso de Medicina do Centro de Ciências da Saúde da UECE. Fortaleza: UECE, 2002.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Uece Forma Primeira Turma do Curso de Medicina**. 5 jan. 2009. Disponível em: <https://www.uece.br/noticias/uece-forma-primeira-turma-do-curso-de-medicina-2/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática**: entre o pensar, o dizer e o vivenciar. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Notas

ⁱ Decreto nº 11.233, de 10 de março de 1975; Projeto pedagógico do curso de medicina; Resolução nº 2433, de 12 de agosto de 2002 e Resolução nº 377-CONSU, de 23 de setembro de 2002.

ⁱⁱ Primeiro contato via *Whatsapp* e entrevista realizada pelo *Google Meet* em 31.07.23, nome fictício Antônio.

ⁱⁱⁱ Primeiro contato via *Whatsapp* e entrevista realizada pelo *Google Meet* em 04.09.23, nome fictício Francisco.

^{iv} Manassés Fonteles exerceu o cargo de reitor em dois mandatos sucessivos, de 1996 a 2003 e ainda hoje colabora no Instituto Superior de Ciências Biomédicas (ISCB) da Uece (UECE, 2023).

^v Livro escrito por professores e alunos do curso de Medicina da UECE.

^{vi} A princípio era voluntário, depois a gratificação foi aprovada pelo Governador Ciro Gomes.

Sobre os autores

Mayara Alves Loiola Pacheco,

Prefeitura de Fortaleza, Secretaria Municipal de Educação, CEI Francisca de Abreu Lima. Doutoranda e mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), em Fortaleza, CE, Brasil. Professora da Prefeitura Municipal de Fortaleza, em Fortaleza, CE, Brasil.

E-mail: mayara.loiola@aluno.uece.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6017-5852>

Antonio Germano Magalhães Junior

Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em Fortaleza, CE, Brasil. Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), em Natal, RN. Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza, CE, Brasil.

E-mail: germano.junior@uece.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0988-4207>

Francisca Genifer Andrade de Sousa

Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu. Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza, CE, Brasil. Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Iguatu, CE, Brasil.

Email: genifer.andrade@uece.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8280-3250>

Recebido em: 12/03/2024

Aceito para publicação em: 17/03/2024